

Resumo: *Este artigo pretende contemplar a CF mostrando que sempre que olhamos para a sociedade temos também que olhar para dentro da Igreja. O artigo mencionará aspectos não saudáveis que aparentemente podem não parecer importantes, mas que minam as ações pastorais e o acolhimento da Igreja por parte da sociedade. São questões relacionadas à metáfora utilizada aqui, – prisão psíquica –, que fazem com que as sombras se tornem realidades normais aos olhos de quem está dentro da caverna. Mas que se olharmos com os olhos de quem está de fora, verificamos que as sombras são sintomas de que algo não está bem.*

Abstract: *This article is intended to address the issue of CF showing that whenever we look at society we must also look inside the church. The article will talk about sick aspects of the church, which seem to have no importance, but can disrupt the pastoral actions of the Church and hinder its acceptance by society. Are issues related to the metaphor used here – psychic prison, where those who are inside the cave can see something natural. But if we look through the eyes of an outsider, we find that the shadows are symptoms that something is not well.*

A saúde da Igreja

*Arlene Denise Bacarji**

* A autora possui Graduação em filosofia, (UCDB). É Mestre em Sociologia Organizacional (UFPR). Mestre em Teologia (PUC/RS) e Doutoranda em Teologia (PUC/Rio). Atualmente leciona na FAPAS (Faculdade Palotina de Santa Maria, RS).



Em um ano em que a campanha da fraternidade nos fala da Saúde Pública, nada mais saudável do que podermos pensar um pouco nos aspectos menos saudáveis também da Igreja, cuja institucionalização causa cegueira *ad intra*¹, devido a uma prisão psíquica, gerando consternação na Igreja *ad extra*².

Prisão psíquica é uma metáfora utilizada na *República* de Platão para ilustrar que, muitas vezes, estamos na caverna e não temos acesso ao conhecimento. Vemos apenas as sombras projetadas numa parede porque estamos acorrentados e só temos acesso a elas, pois são nominadas como realidades porque não conhecemos a realidade verdadeira lá fora. Esta metáfora é resgatada pelo autor Gareth Morgan, em seu livro “Imagens da Organização”³ para ilustrar o que ocorre nas organizações em geral, mencionando e aprofundando as teorias de Freud e de alguns de seus intérpretes como Melanie Klein, Bion, Winnicott, e também de Jung e outros que os estudaram e as aplicaram às organizações.

Neste artigo não pretendemos relacionar e interpretar questões eclesiais com questões mais profundas da psicanálise como Morgan faz em relação às organizações em geral⁴. Apenas vamos utilizar algumas conclusões que podem servir para a nossa Igreja, assim como utilizaremos também a metáfora da *prisão psíquica*, e mencionaremos alguns mecanismos de defesa que temos nos nossos comportamentos⁵.

Muitos dos teólogos da época atual têm questionado a existência da instituição como maléfica ou desnecessária, ou algo que se contrapõe aos carismas ou ainda que mata o espírito. Essa é uma influência de uma cultura pós-moderna que tem suas raízes e que dentre suas características traz a morte das instituições.

¹ Povo de Deus enquanto ministros ordenados, não ordenados, pastoralistas, bispos, clero, seminaristas.

² Povo de Deus enquanto fiéis leigos em geral, mais ou menos participativos.

³ Ed. Atlas. S. P. 1996. p. 205-238. Cap. 7: “Explorando a caverna de Platão. As organizações vistas como prisões psíquicas”.

⁴ O autor trabalha as questões de fase anal, genital e fálica projetadas nas organizações, complexos de Édipo, relações de poder e dominação que têm a ver com questões da sexualidade, arquétipos nas organizações, etc.

⁵ É bom lembrar também que a autora deste artigo não se coloca *de fora da caverna*, nem fora das patologias e das prisões psíquicas que lhes dão continuidade. Ao contrário, estamos todos no mesmo barco. A única coisa que pretendemos com este artigo é tentar escutar os que estão fora da caverna, e que não entram, porque percebem as nossas faltas de realidades e de verdades.



Sociologicamente a instituição é um mal ou um bem necessário, não há sociedade sem instituições e não haveria como trazer todo o acervo espiritual, intelectual e cultural do cristianismo dos primeiros tempos sem que ele se tornasse institucionalizado⁶. No entanto, a instituição pode adoecer, pode adquirir “ranço” e isso não quer dizer que ela não deva existir. Significa, antes de tudo, que é preciso olhar para o que está rançoso ou adoecido e tentar desinstalá-los.

A sociedade atual está adoentada também. A doença mais grave da sociedade atual é a doença moral que está associada à doença do espírito. Vivemos uma cultura doente em termos de valores e de opções, onde o que é um valor religioso ou moral se tornou preconceito. Os valores econômicos e hedonistas se tornaram verdadeiros deuses, as pessoas estão totalmente sem referenciais pela morte das instituições em geral, e a Igreja está em meio a tudo isso, dando motivos para que seja cada dia mais uma instituição morta no meio da sociedade. No entanto, a cultura pós-moderna possui algumas intuições interessantes. Aqui vamos citar apenas duas: a repugnância à hipocrisia e a possibilidade de, ao negar a racionalidade científica, começar uma profunda valorização da razão sensível⁷.

Muitos questionam porque a Igreja Católica tem sido tão perseguida, porque as pessoas têm-se afastado, porque muitos vão para outras religiões e os que não a conhecem nem querem conhecê-la, e muitos que a conhecem bem, abandonam-na. Realmente esta é uma realidade bastante triste. Embora ainda tenhamos em nosso país ambientes fecundos e saudáveis dentro de nossa Igreja, que conseguem atingir o nosso objetivo de manter uma evangelização sempre mais aprofundada, com pessoas comprometidas e participativas, esta é uma realidade cada dia mais escassa em muitos lugares e países do mundo, por uma diminuição cada dia maior do número de fiéis.

É claro que esta situação em que a Igreja Católica, muitas vezes, não tem mais poder de atração, nos meios de nossa sociedade atual, tem forte relação com a situação em que a sociedade se encontra em termos de uma cultura pós-moderna, permissiva e sem comprometimento com

⁶ Sobre a necessidade da instituição, a sua função social, etc., pode-se consultar as obras do luterano Peter Berger, que mesmo sendo luterano reconhece o tino sociológico da Igreja Católica (*Dossel Sagrado*, Elementos para uma teoria sociológica da religião. Paulus. 1985. p. 179)

⁷ Sobre a razão sensível: MAFFESOLI, Michel. *O elogio da razão sensível*. Ed. Vozes. Petrópolis. 1998 p. 11-23. Um texto belíssimo sobre a nova época em que estamos adentrando, em contraposição a toda uma racionalidade instrumental.



absolutamente nada. Mas para aqueles que um dia foram batizados, que um dia conheceram a Igreja – além de uma catequese que estragou a fé destas pessoas⁸ – existe também o fator fatídico que é a questão moral. Por isso, este artigo irá apontar as deficiências nesse campo, as quais afastam da Igreja e impedem muitas das pessoas mais saudáveis e mais bem resolvidas na sua sexualidade de se comprometerem com trabalhos pastorais, e de vivenciarem uma fé mais envolvida com esta Igreja. A não ser em casos de manifestações de fé profunda, que independem totalmente do que vêem. Isso nem sempre é fácil em tempos em que o sensível, o perceptível, o intuído, o irracional, falam mais alto no coração do homem.

Dos dois traços positivos da cultura pós-moderna, queremos primeiramente, para início de uma reflexão, abordar a questão da repugnância à hipocrisia e, no final deste artigo, abordaremos pistas pastorais baseadas no autor Maffesoli, sobre a razão sensível⁹.

A cultura pós-moderna com sua permissividade, sua amoralidade, acabou trazendo para a sociedade não somente perdas e destrutividades, mas também um grande ganho. O ganho da não necessidade de sermos hipócritas e, por isso, a sociedade atual está cada dia mais exigente de autenticidade, veracidade, verdade e testemunho.

É bom deixar claro neste artigo que a autora não está a questionar a moralidade da Igreja frente ao povo, mas sim a mostrar para a Igreja o que o povo quer e sente, embora muitas vezes não consiga verbalizar, não consiga sequer ter consciência dos motivos que o afastam da Igreja por que as percepções são inconscientes de uma *linguagem não verbal* que transparece como “ranços”, ar de hipocrisia, fingimento, dissimulações. Pretendemos com este artigo tão somente esclarecer o que muitos sentem e não falam por que não possuem um grau de elaboração para expressarem com clareza.

É importante também ressaltar que o que se quer, se deseja e se pretende com este artigo não é somente salientar a importância de uma castidade e celibatos vividos com mais condições, mas que se tenha mais

⁸ A questão da catequese é uma discussão bastante esgotada na Igreja, e não cabe aqui entrar nesta questão em si. No entanto, é bom lembrar que a catequese dada por pessoas que não conseguem associar a vida à doutrina e que não conseguem atingir o coração das crianças, adolescentes e catecúmenos, isto faz com que se crie um profundo preconceito contra a Igreja, que nunca mais será retirado, a não ser por milagres em um processo de nova evangelização.

⁹ MAFFESOLI, Michel. *O elogio da razão sensível*. Ed. Vozes.. Petrópolis. 1998 p. 11-23.



transparência, se possa ser livre, não haja tantos ambientes dissimulados, pessoas dissimuladas com tanta frequência, para não dar a impressão de hipocrisia na percepção inconsciente das pessoas de uma linguagem não verbal subjacente nos meios eclesiais.

Também vamos abordar aqui somente aspectos afetivo-sexuais, não porque não haja outros de outras categorias, como questões relacionadas a poder, a dinheiro, e a religiosidades que estimulam fantasias espirituais, falsos fervores religiosos, entre tantas outras patologias, mas porque estas patologias afetivo-sexuais são as que mais criam o que vamos aqui denominar de “ranços” na Igreja. Alertando com isso que, embora o celibato realmente tenha um profundo valor para o trabalho para o Reino, seria interessante que surgissem novas possibilidades de se trabalhar a castidade dos celibatários da Igreja, tanto dos padres, quanto religiosos e religiosas, para podermos ter celibatários e celibatárias que realmente possam viver sua castidade, não sem dificuldades e lutas, mas com um espírito mais livre, mais autêntico, mais transparente.

Existem muitos argumentos vindos dos meios eclesiais que poderiam ser vistos como dois mecanismos de defesa mais utilizados: a negação e a racionalização. A negação consiste na recusa em admitir o fato como real, e a racionalização consiste em arrumar argumentos bem elaborados para justificar os fatos, disfarçando os reais motivos deles ou ainda – o que se vê muito – racionalizações que levam a desviar sempre o olhar que se deveria dirigir para a Igreja, deslocando-o para a sociedade, culpando e desvalorizando a sensibilidade do povo.

O que ocorre muito quanto a esta questão é o argumento de que nas famílias também há hipocrisia. E que na sociedade também há mais hipocrisia do que na Igreja *ad intra*. Contra este argumento poderíamos dizer que isso não é sempre real, uma vez que hoje, nas famílias, quem se relaciona sexualmente o faz na frente dos pais ou de quem quer que seja; quem é homossexual, assume sem nenhum problema perante toda a sociedade, com raras exceções; quem trai a esposa ou o esposo, parece que esconde, mas o cônjuge geralmente sabe e aceita, e mesmo que esconda, na sociedade não há tanta necessidade de dissimulações, pois as relações são diluídas em meio à pluralidade, a urbanização, á fragmentação. Já não é o que poderemos comprovar na Igreja, como vamos ver logo abaixo nas situações pouco saudáveis¹⁰ apontadas, já que são meios fechados

¹⁰ Poderíamos usar o termo Patologia que tem o seguinte significado: Desvio em relação ao que é próprio ou adequado, ou em relação ao que é considerado como estado



e circulares, onde todos se encontram sempre, observam sempre, estão sempre juntos e fazendo coisas juntos, porque ela é uma organização e não um bairro, ou uma cidade.

Aqui quando falarmos de situações pouco saudáveis, não estaremos falando de pessoas, mas de desvios organizacionais. Ou seja, de algumas coisas que desviam o objetivo primeiro e original da instituição enquanto tal, que é inapropriado e inadequado para a instituição, que não é próprio dela, que a desvia de sua normalidade e de ter uma imagem saudável. Estaremos falando de *aspectos institucionais* e nada mais. Até porque este artigo se propõe trabalhar sociologia organizacional, e questões de conseqüências pastorais, e não tratar de questões mais profundas de psicologia.

Situações de prisões psíquicas e mecanismos de defesa

Existe na Igreja uma situação que chama a atenção de pessoas de outros meios não clericais, que são mais sensíveis. Trata-se da existência de um “clima” organizacional em algumas paróquias, encontros, congressos, lugares de reuniões de pessoas celibatárias, que poderíamos chamar de um clima de erotização das relações. Certo erotismo subjacente, que não se vê nos lugares seculares¹¹, mas, que existe nos meios clericais. Vamos ilustrar este fato com realidades.

A título de ilustração¹²

a) Quando começamos a freqüentar a Igreja mais profundamente, nos meios em que as relações entre o clero, leigos e freiras acontecem

normal de uma coisa. Ou ainda: Desvio em relação à normalidade, de forma que constitua um mal. (doença). Dicionário Houaiss. Verbete: Patologia. Disponível no site da UOL para usuários. No entanto, vamos ser eufêmicos.

¹¹ Entre os anos de 1995 a 2004, afastei-me totalmente dos meios clericais e dediquei-me somente à Sociologia. Freqüentei muitos meios seculares, ministrei aulas de sociologia em uma faculdade de 120 professores, onde eu era 40 horas, e em algumas outras que freqüentei, nunca vi em nenhum desses lugares esse clima organizacional de um erotismo subjacente, como vejo com freqüência nos meios clericais. Normalmente, esse clima existe entre os celibatários.

¹² Vale a pena notar que também conheci, freqüentei e freqüentei lugares eclesiais onde esse clima erotizado não existe, onde existe muita transparência e a vivência de um celibato saudável, bem trabalhado, de pessoas muito comprometidas. Caso não fossem esses ambientes saudáveis, eu mesma já teria abandonado a dedicação e o amor pela Igreja como Esposa e Corpo de Cristo-Povo de Deus. Ela não está tomada



por estarem reunidos, temos dois aspectos de erotismos subjacentes: de mulheres leigas e/ou freiras com relação a padres e de senhoras recalçadas nas paróquias com um poder erótico subjacente sobre o padre, ou sobre os padres daquela paróquia, ou do lugar qualquer em que estes se encontram. Essas situações podem ou não chegar às vias de fato de um relacionamento sexual entre um ou outro par, mas geralmente são relações onde não há envolvimento sexual físico, e sim somente psicológico, afetivo e erótico-sexual. São geralmente mulheres com psicopatologias afetivas que encontram nessas situações uma forma de tentar sublimar isso, nem sempre conseguem e o que se gera é uma imagem de poder sobre alguns padres, de sexualização de algumas relações, ciúmes, afastamento de mulheres que podem ameaçar estes poderes ou estas relações “platônicas” que seja. A prisão psíquica que se institucionaliza vem através de uma cegueira quanto ao efeito disso para quem está vendo de fora, o efeito destrutivo para mulheres que são vistas como ameaças e o “gozo” inconsciente do padre carente, que no fundo gosta disso porque faz bem ao ego. Isso é pouco saudável, uma vez que não deixa de ser uma masturbação psíquica, emocional e que leva ao que é extremamente inadequado e impróprio aos meios cristãos de uma Igreja que quer e precisa ser mais atraente para a sociedade. Esse tipo de relação gera um ambiente sinistro e dissimulado, sem contar que pode levar ao relacionamento sexual de fato e à vida dupla, pois não deixa de ser um envolvimento afetivo.

A prisão psíquica aqui se encontra também no fato de que, além de não se enxergar essa realidade, há uma permissividade que a alimenta como se fosse algo natural, normal e até algo de sublimação. Coisa que não é real, primeiro porque sublimação teria que oferecer uma postura acima desses comportamentos que comprometem a imagem da Igreja, e ainda podemos dizer que não é normal porque nos meios não clericais onde as pessoas são casadas e respeitam seus cônjuges, não há este tipo de clima organizacional. O mecanismo de defesa aqui poderia ser, não somente o da negação, mas o da racionalização, ao dizer que isso ocorre como forma sublimatória, ou como uma canalização da sexualidade, ou como ocorreria em qualquer outro lugar. Ou ainda dizer que as pessoas que se afastam da Igreja o fazem pelo fato de que não querem se comprometer ou se converter, como se esses fatores que são sintomas de algo patológico não influenciassem em nada no seu afastamento. Estes e outros

por esta coisa não saudável da erotização subjacente das relações. Porém, é bom tomar consciência de que existe esse fator em muitos ambientes e, quem sabe, com essa consciência, favorecer a “ventilação” e a retirada do “ranço”.



argumentos, que justificam esse tipo de “clima” em ambientes clericais, não deveriam ser elaborados, pois isso é surreal¹³, e afasta muitas pessoas saudáveis que intuem esse tipo de patologia e não frequentam a Igreja de forma mais comprometida para não verem essas aberrações. Melhor seria se pudéssemos aceitar que isso existe, que é inadequado, inconveniente para os cristãos verdadeiros, e precisa ser trabalhado e mudado.

b) Há também entre alguns ambientes clericais, onde prevalece a presença masculina, a presença da homossexualidade ou “transtorno homoafetivo” (como agora é moda dar nomes eufêmicos para tudo), que faz com que as relações sejam erotizadas, de forma clara, com ou sem relações sexuais propriamente ditas, entre eles, mas que manifesta declaradamente a erotização da relação, na linguagem, nos gestos, nos olhares. Nesses casos, percebe-se também a misoginia e chacotas, discriminações e rejeições com relação às mulheres.

A homossexualidade perverte completamente a instituição Igreja Católica, uma vez que ela se propõe a ser masculina devido à relação de identificação do presbítero ao Cristo e aos apóstolos¹⁴. Ela desvia totalmente a originalidade da masculinidade da instituição e promove ambientes completamente deturpados, sexualizados e promíscuos. Cria e alimenta amizades eróticas, dependentes, ciumentas, possessivas, ambientes que dão profundo mal-estar aos de fora. É uma forte ironia da história a Igreja se pretender masculina e celibatária, e se tornar aleijada na sua estrutura com a invasão de homossexuais. Voltaria a perguntar o que o Espírito Santo estaria querendo nos dizer, quando permite que isso tenha acontecido.¹⁵

Em muitos dos casos o homossexual não consegue sublimação alguma de sua realidade e acaba tendo vida dupla. O que acarreta sérios danos à instituição e à sua imagem. Contra todos os argumentos de racionalizações ou de negações desse aspecto como mecanismos de defesa a respeito deste assunto, já invalidados pela realidade que a Igreja enfrenta hoje¹⁶ e, graças à realidade que se impôs, parece que

¹³ Utilizamos a palavra surreal neste artigo para significar algo que causa estranheza, que é uma transgressão da verdade sensível e da razão. Dicionário Houaiss. Verbetes: Surreal. – disponível no site da UOL para usuários.

¹⁴ Cf. BACARJI, A.D. A homossexualidade, o clero e a Igreja, in REB, 282, abril/2011.

¹⁵ Ibidem, p. 323

¹⁶ Uma realidade bastante complicada que a Igreja enfrenta hoje sobre as ordenações de pessoas que não viveram o seu sacerdócio como deveriam está no livro: ABBATE, Carmelo: *Sex and the Vatican. Viaggio Segreto nel Regno dei Casti*. Ed. Piemme.



estamos saindo da prisão psíquica a respeito de ordenações de homossexuais. Alguns dos dirigentes da Igreja, em alguns lugares, estão mais conscientes, estão começando a evitar a entrada de homossexuais para o clero. Mas é bom lembrar que ainda não são todos os bispos que estão conscientes dessa necessidade e que há também muita dificuldade de percepção por parte dos reitores e formadores nesta questão, o que causa muita preocupação. Imaginemos o que significa um “padre” gay que vive sua homossexualidade promíscua nas noites, como o livro do autor Carmelo Abbate nos relatou, consagrar a eucaristia para nós, sem que nas filas da comunhão os casais de segunda união ou os namorados que se amam possam entrar!!!¹⁷

c) Em contrapartida, a homossexualidade na Igreja gera nos homens heterossexuais uma profunda necessidade de se auto-afirmarem na sua heterossexualidade quando o convívio com os homossexuais se torna enfadonho. Ou eles começam a assediar mulheres, compulsivamente, ou acabam tendo vida dupla.

d) A vida dupla na Igreja se dá de muitas formas¹⁸. Algumas chegam a ser surreais como padres que moram em residências com empregadas, cozinheiras, lavadeiras e, às vezes, acabam se envolvendo com essas mulheres. Outros moram com “sobrinhas”¹⁹ (caso de padres diocesanos que vão morar em seus apartamentos sozinhos, mas que não

Milão. 2011. O autor relata na primeira parte do livro os casos de pessoas ordenadas que vivem sua homossexualidade promíscua e perversa à noite e de dia rezam missas e são sacerdotes.

¹⁷ Para grande parte das pessoas, católicas ou não, não existe pecado sexual nas relações sexuais entre pessoas que se amam, principalmente se forem entre homem e mulher. Não queremos dizer com isso que a Igreja deva aceitar essa visão como correta. Isso já seria uma outra discussão que aqui não cabe. Apenas alertamos para uma possibilidade de se estudar o que podemos fazer no mundo de hoje em termos de uma cultura pós-moderna que se impõe com muita força contra toda e qualquer moral que a Igreja possa ter sobre virgindade, abstinência sexual, divórcio. Na atualidade, devido à morte das instituições, o jurídico, o formal, o “religioso-institucional”, não exerce mais poder algum sobre o que se vive DE FATO. E o amor, muitas vezes confuso e confundido com paixão, é sempre o mais importante.

¹⁸ Faz-se necessário alertar para o fato de que alguns tipos de vida dupla, que são mais claramente assumidas e menos clandestinas, entre um padre e uma mulher (deixando claro que a sentença não é a mesma para os padres homossexuais), são mais facilmente toleradas e aceitas pelo povo que, na verdade, não adere muito bem ao celibato dos padres, sendo apenas contra a hipocrisia.

¹⁹ Não vamos aqui entrar no mérito se é sobrinha de verdade ou não. Não interessa, pois mesmo que o seja de verdade é inadequado para um padre morar com uma sobrinha, sozinho num apartamento.



ficam “sozinhos”), ou casos em que eles arrumam alguém longe de onde moram e trabalham.

Existem situações em que pode até ser sobrinha de verdade, e situações em que não se têm relações sexuais com as empregadas que moram debaixo do mesmo teto. Mas esta é uma prática que os bispos poderiam repensar, pois, embora o povo não diz nada, causa uma sensação sinistra, obscura, oculta, de uma Igreja que é cega e que não vê certas manifestações doentias em que se vivem coisas não necessárias, que denunciam falta de coisas mais importantes. Se estiver faltando algo para os padres da paróquia em que eles precisam morar com suas empregadas, com suas sobrinhas, é porque algo está muito falho nesta vida celibatária.

Não é bom e nem é saudável desafiar a inteligência e a sensibilidade do povo no sentido de fazer com que este acredite em coisas quase impossíveis. Não enxergar que homens celibatários que moram com mulheres dentro de suas casas é um “problema”, é uma prisão psíquica que dificilmente encontra em argumentos racionais justificativas sustentáveis para este tipo de aberração. Só os membros internos da Igreja não percebem que isso não é normal, não é adequado, não é conveniente, para uma Igreja que quer e precisa ser transparente, clara, limpa e livre. Pode-se porventura elaborar a racionalização para negar a problemática desta situação, dizendo que isso só é problema porque a sociedade está doentamente ligada a questões sexuais. Se alguém tiver este argumento, é bom saber que a Igreja também precisa olhar e se situar na sociedade em que vive, adaptar-se ao social e aos padrões estabelecidos pelas culturas. Não é nenhum padrão cultural que homens não casados morem com mulheres debaixo do mesmo teto e não tenham possibilidades de envolvimento sexuais.

Com exceção em casos de idosos, em que se pode pensar em colocar uma pessoa do sexo feminino nestas casas, como enfermeira ou *cuidadora*, mas que sejam senhoras idôneas.

O povo de Deus

Em todos os aspectos mencionados acima²⁰, podemos perceber que são sombras projetadas nas paredes da Igreja, de forma que são vistas

²⁰ Sem contar a pedofilia que tem sido um tema debatido ao extremo e já esgotado e outras perversões que são patologias gravíssimas como padres que fazem orgias,



como normais, mas que aos olhos do povo não são tão normais assim. Muitas vezes, o povo, que não quer se afastar da Igreja, faz o que se chama popularmente de “vistas grossas”, ou entra na prisão psíquica também, para poder permanecer. No entanto, muitos se afastam, e dizem que se afastaram porque o que vêem não os agrada²¹. Podemos ainda continuar com os mecanismos de defesa e dizer *que se afastaram porque não são verdadeiros fiéis*, como já ouvimos muito isso da parte ad intra da Igreja. Mas será que esse tipo de racionalização e negação vai ajudar a Igreja a ser melhor? Será que na situação atual de uma imagem de Igreja cada vez mais caricatural para a sociedade – para os estudantes das universidades federais, estaduais e particulares, para os profissionais liberais como psicólogos, médicos, advogados, engenheiros, odontólogos, entre tantos outros – não seria de bom tom perguntar e tentar intuir o que faz a imagem da Igreja ser caricatural para a sociedade secular?

É claro que não são somente estes aspectos mencionados aqui que motivam as pessoas a desgostarem da Igreja, mas esses são alguns deles. Será que já paramos para questionar o que faz com que a Igreja tenha um número tão maior de fiéis mulheres do que de homens? Qual será o significado disso? Seria isso saudável para a Igreja ou será a erotização subjacente das relações mais um motivo para que os homens se afastem cada dia mais? O que poderíamos fazer para termos mais homens como fiéis? O que a Igreja pode fazer para ser mais atraente para os homens, assim como para os/as profissionais liberais, para os/as universitários, cientistas e mundo secular em geral?

Esses aspectos pouco saudáveis da Igreja, citados neste artigo, que se resumem no termo “*erotização subjacente das relações*”, são muito sutis, muito disfarçados, tão ocultos e discretos, que fazem com que seus membros *ad intra* não acreditem de forma alguma que esses aspectos façam diferença nas percepções das pessoas de fora. Talvez essa sutileza, esta maneira oculta e quase invisível de minar os ambientes tornando-os pouco livres, autênticos, transparentes, gera um ar de hipocrisia, e faz com que a Igreja ofereça uma imagem repugnante para as pessoas mais exigentes de autenticidade. Esses aspectos geram o que chamamos de

se metem com prostituições etc. Para tratar de perversões desse tipo teríamos que elaborar um trabalho específico.

²¹ Isso é o que mais ouço como leiga que sempre pergunta aos colegas e aos amigos, vizinhos e a todos os que se aproximam nas viagens, nas filas, se são católicos, porque não o são e o que os fez deixarem de ser.



“ranço”²². Algo que repugna as pessoas, porque não cheira bem, estraga o ambiente, cheira a hipocrisia de um celibato falso, uma castidade falsa, estragada, mesmo que não se vá às vias de fato numa relação sexual propriamente dita.

Sem querer dar a impressão de que estamos sendo moralizantes, o problema da Igreja hoje é, em grande parte, moral. Esta também é uma realidade que se nega e não se quer enxergar de forma alguma, mas é a realidade²³. Vamos ver por quê:

As pessoas não aceitam que os casais de segunda união que vivem uma vida, muitas vezes, digna e coerente, ou os namorados que se amam e não vivem a abstinência sexual antes do casamento, ou ainda os divorciados que querem namorar e amar alguém, e outros, não possam comungar, mas que os membros internos da Igreja que vivem uma vida um tanto obscura, sinistra, ambígua, pouco transparente, cheia de dissimulações e incoerências, quando não cheia de hipocrisia, estão lá comungando ou consagrando a eucaristia para nós. Esse é o problema moral que a Igreja enfrenta hoje com relação a uma boa parte da população.

Não vamos aqui cair na tentação de entrarmos em racionalizações dizendo que isso é desculpa de pessoas que não querem compromisso com a Igreja. Pode até ser, mas o argumento deles tem realidade. *Quem é a Igreja para exigir alguma moral sobre a castidade das pessoas, que ao menos, não são hipócritas? Se ela nos oferece pastores e pessoas que são dissimuladas, sinistras, cheias de falso pudor?* Essa é a pergunta que fazem.

A hipocrisia hoje é mais imoral aos olhos do povo do que qualquer atitude sexual que não esteja de acordo com as normas da Igreja. Com razão, a intuição do homem pós-moderno é que somente precisa ser hipócrita na sociedade atual quem faz coisas muito doentias ou escabrosas, já que a sociedade vê o sexo por amor não mais como um pecado²⁴. Ou seja, a moral que se exige hoje de todos é a da autenticidade.

Quando as pessoas vão falar da Igreja, os ateus, os céticos, os intelectuais, a primeira coisa que eles dizem é que são mais éticos do que os cristãos. Eles não estão de todo errados. Muitos de nós cristãos falamos

²² Cheiro de coisa estragada, cheiro desagradável. Mofo, coisa em decomposição.

²³ O estrago que um livro como o já citado *Sex and the Vatican* (cf. nota 14) faz para quem não é católico e para quem o é, é imensurável.

²⁴ Ver nota 16



uma coisa e vivemos outra, falamos bonito e temos discursos muito bem elaborados, mas pouco eficazes na prática e no testemunho.

A sociedade atual não é mais uma sociedade de discursos. O discurso perdeu o efeito, perdeu a eficácia, ninguém mais quer saber de discurso, as pessoas olham a vida de quem está a discursar. O Marcial Maciel Degollado²⁵ escreveu coisas muito bonitas sobre a formação do presbítero. Trata-se de coisas que hoje não podemos utilizar, pois de nada vale com a vida que teve, tornou-se lixo. E também não adianta dizer que somos perseguidos, até somos, mas muitas vezes, se somos perseguidos é porque também damos muitos motivos. E aí dizer que somos perseguidos não resolve nem alivia a nossa responsabilidade quando *queimamos* a Igreja perante o povo.

Nessa questão entra o tão falado “testemunho” que, apesar de muito mencionado nos discursos, é pouco compreendido e vivido na prática. Não por má vontade, talvez por má formação afetiva, psicológica, por incapacidade de consciência. Por não possuímos recursos internos suficientes para sublimar verdadeiramente, para transformar a energia sexual e afetiva em algo altruísta e em prol do Reino, para aprofundarmos em nosso inconsciente e percebermos melhor nós mesmos e nossos impulsos ambíguos. Conhecemos pessoas brilhantes intelectualmente, mas que afetivamente não resistem a impulsos ambíguos.

Queremos aqui alertar também para o fato de que linhas de psicologias “baratas” só enganam bem. Talvez por isso a situação hoje seja esta. Afinal sempre houve na Igreja um grande preconceito contra as linhas psicanalíticas freudianas²⁶, que são as que trabalham mais profundamente as questões afetivas de fundo inconsciente, justamente aquelas que mais dão problemas hoje na Igreja. Esta história de dizer que Freud só pensou em sexo é uma falta imensa de conhecimento da obra dele. Realmente, a sexualidade para ele é o impulso mais anterior a todos e pode ser o mais forte. Mas isso não quer dizer que devemos desprezá-lo como um *sexualista*. Pois de que adiantou desprezá-lo e hoje a Igreja estar nessa situação de uma sexualidade tão destrutiva com ela própria? Talvez seja a hora de acolhermos os psicanalistas sérios, profundos conhecedores

²⁵ Fundador dos Legionários de Cristo.

²⁶ Sobre os intérpretes de Freud é bom tomar alguns cuidados: Lacan, por exemplo, não é uma boa linha; Melanie Klein, Bion, Winnicott, entre outros, mais ou menos ortodoxos, são sempre os melhores.



da mente humana, para nos ajudar²⁷ a sair dessa situação em que nos encontramos e pararmos de acreditar em linhas de psicologias, (que até podem ser boas e razoáveis para os mais saudáveis), mas que não resolvem problemas mais sérios.

Precisamos de linhas de psicologia que possam nos servir para termos mais saúde mental e afetiva para viver o celibato e a castidade e ainda nos protegermos dos perversos que se aproveitam das estruturas da Igreja, por demais cômodas para eles.

Pistas pastorais

Para trabalhar um pouco as questões acima mencionadas e outras que não o foram, mas que podem se encaixar, vamos aqui sugerir algumas possibilidades. Sem saber se terão êxito ou não, mas é importante que possamos oferecer sugestões, ao menos numa tentativa de iluminar as sombras, não com luzes da razão instrumental. Afinal: “Que a sombra aumenta proporcionalmente com a luz é uma regra psicológica, assim quanto mais a consciência se mostrar racionalista, mais o universo quimérico do inconsciente ganhará em vitalidade”.²⁸

1. Gareth Morgan chama de “armadilhas cognitivas” os pressupostos falsos, crenças estabelecidas, premissas e práticas que se combinam para formar pontos de vista muito estreitos do mundo, que podem ser tanto uma base como uma limitação para a organização.²⁹ Quanto a isso, sugerimos que possamos entender que a tão falada e repetida *mudança de época* traz um novo tipo de “racionalidade” do povo. É importante entender que o povo, principalmente os mais jovens, é extremamente sensível a uma linguagem não verbal, a gestos e olhares, à intuição e a sensações. Hoje, mais do que nunca, há uma percepção inconsciente das coisas além das tecnologias, e hoje mais do que nunca podemos

²⁷ Quando dizemos “nos ajudar” é mais no sentido de consultoria, pois terapia de linha psicanalítica sugiro que seja somente para aqueles que já são ordenados e que é certeza absoluta que vale a pena investir. Os perversos vão à terapia para aprender a enganar e manipular ainda mais (os psicanalistas costumam dizer que eles fazem terapia para enganar a polícia).

²⁸ JUNG apud MAFFESOLI, Michel. *O elogio da razão sensível*. Ed. Vozes. Petrópolis. 1998 p. 19.

²⁹ MORGAN, Gareth. *Imagens da organização*. Ed. Atlas. S.P. 1996. p.208.



repetir o que Jesus disse: “*Não há nada de escondido que não venha a ser revelado, e não há nada de oculto que não venha a ser conhecido. Pelo contrário, tudo o que vocês tiverem feito na escuridão será ouvido à luz do dia; e o que vocês tiverem pronunciado em segredo, nos quartos, será proclamado sobre os telhados.*” (Lc 12, 2-3)

Por isso não adianta criarmos justificativas, racionalizações e negações da realidade. Ela sempre vai se impor. A chamada *mudança de época* vem com a exigência de autenticidade e veracidade na vida. Se há sombras em nossas vidas, é melhor trabalhá-las para sermos cristãos transparentes, verdadeiros e autênticos. *O que não é assumido não é redimido*³⁰. *Temos que aprender a ver o que é para ser visto, e não o que se desejaria que fosse.*³¹

2. O mesmo autor apresenta uma pérola em suas conclusões, que poderíamos utilizar para refletir: “Na sombra da organização, encontram-se todos os opostos reprimidos da racionalidade, que lutam para emergir e mudar a natureza da racionalidade que está sendo praticada.”³² Por racionalidade organizacional, como o autor menciona nessa frase, entende-se “a lógica que está por trás do conjunto das ações organizacionais”. Ou seja, essa frase sugere que as sombras que a Igreja Católica vê em suas paredes estão lutando por mudanças em certos aspectos da racionalidade que temos na organização.
3. Cuidar para que estas sombras não se tornem “buracos negros” na organização, ou seja: “a dimensão invisível da organização que foi descrita como inconsciente pode engolir e aprisionar as ricas energias das pessoas envolvidas no processo organizacional”³³.
4. É bom tomar consciência de que “podemos desculpar, racionalizar, punir, controlar o quanto quisermos, e não iremos livrar-

³⁰ Santo Irineu de Lião apud A. ORBE. “*El Hombre Ideal en La Teología de S. Ireneu*” Gragorianum 53 (1962) p. 449-491.

³¹ Maffesoli utiliza semelhante expressão para falar sobre a contemplação do mundo. Mas ela pareceu útil para nós nesta ocasião.

³² *Ibidem*, p. 231.

³³ *Ibidem*, p. 234.



nos dessas forças reprimidas que se escondem nas sombras na racionalidade”.³⁴ Por isso é importante tomarmos consciência das manifestações de nosso inconsciente nas nossas ações que se projetam na organização.

5. Maffesoli faz uma crítica à lógica do “deve ser” mostrando que a esta pode suceder a deontologia: “uma consideração das situações naquilo que elas têm de efêmero, de sombrio, de equívoco, mas também de grandioso”,³⁵ uma ética das situações. Esta, ele diz que é atenciosa às paixões, ao afeto, à emoção e continua: “O moralismo está fora de circulação. Mais vale pôr em ação uma sensibilidade generosa, que não se choque ou espante com nada”³⁶ [...].

Assim o autor continua a dizer sobre a razão sensível da pós-modernidade, um saber dionisíaco capaz de ordenar o caos, sem negar o intelecto e sem negar a razão, integrar também a paixão. Um saber que emerge, que não deixa de ser intelectual e de fazer bom uso da razão, mas que pode olhar para as coisas como elas realmente são e não como desejaríamos que fossem, numa contemplação criativa do mundo, para assim acolhermos nossas sombras e fazer delas algo integrado em nosso ser.

Talvez essa saída para lidarmos com a mudança de época possa nos ser útil. Talvez, se pudermos começar uma ética das situações, onde, com mais generosidade com os afetos, com os apaixonamentos, com mais acolhimento dos nossos sentimentos, possamos integrá-los melhor em nosso “eu” de forma a não projetar esses aspectos tão naturais da alma humana na organização, causando-lhe danos à sua imagem, numa tentativa de negá-los. Quanto mais os negamos, mais eles vão nos perseguir e aparecer.

Seria interessante aprendermos a transformar esses afetos, essas “paixonites”, atrações físicas, encantamentos pelo outro/outra, em amizades bonitas, limpas, transparentes, de forma a sublimar mais verdadeiramente isso tudo numa relação de amizade bem conversada, bem esclarecida, bem trabalhada. Estas amizades decorrentes de envolvimento afetivos, somente quando são trabalhadas de maneira muito intensa, podem ser muito úteis à vida celibatária. Mas para isso

³⁴ Ibidem, p. 236.

³⁵ MAFFESOLI, Michel. *O elogio da razão sensível*. Ed. Vozes. Petrópolis. 1998 p. 12

³⁶ Ibidem, p. 12



as pessoas têm que ser também trabalhadas afetivamente, e não ter problemas sérios estruturais. Caso não o sejam, a amizade certamente cairá na tragédia. Essas afeições especiais podem ser canalizadas também para o trabalho para o Reino e para o crescimento e amadurecimento da própria pessoa, mas para isso fazem-se necessárias condições internas e profundo desejo de autenticidade na vida eclesial, por amor à Igreja – Povo de Deus, e sua fé.

Para que tenhamos pessoas mais trabalhadas, é necessário primeiramente nos acolher por inteiro como seres humanos que se apaixonam, que amam, que sentem atração e não aprender a negar isso tudo, pois, ao acolhermos estas demandas afetivas que emergem, já é um bom caminho para resolvermos isso e não empurrar para o inconsciente nos tornando neuróticos e dissimulados frente aos outros e até a nós mesmos.

Acolher a alma humana como ela realmente é e sempre foi, sem querer colocá-la numa camisa de força, não se trata de viver e realizar os desejos. Muito ao contrário, trata-se de poder pensá-los. Quando os pensamos, eles perdem muito de sua força. É isso que a psicanálise, quando séria, nos ensina: desejar é humano, realizar todos os desejos é loucura. Mas temos que pensá-los, em vez de recalá-los.

Os limites dessa “fala” estão no fato de que a mente humana, quando educada e formada para negar, ela não consegue deixar de fazê-lo e, normalmente, cai no recalque. Dificilmente se muda essa realidade, ficando mais difícil trabalhá-la.

Para encerrar, citaremos novamente o autor acima:

“É assim que, à moral do ‘dever ser’, poderia suceder uma ética das situações. Esta, ou melhor seria dizer, estas últimas, são atenciosas à paixão, à emoção, numa palavra, aos afetos de que estão impregnados os fenômenos humanos. Tudo aquilo que, retomando uma anotação de D. H. Lawrence, requer ‘um espírito de simpatia, de finura e de discernimento... um espírito de respeito por essa coisa em luta e em ruínas que é uma alma humana’”³⁷.

É assim, certamente, que o nosso Bom Deus nos olha e nos vê.

³⁷ Ibidem, p.12.



Vamos então, pedir, aos que amam a Igreja, que, neste ano de Campanha da Fraternidade voltada para a saúde, possamos lutar por uma Igreja mais saudável, e entender que tudo o que a Igreja quer, busca, cobra *para* o povo e *do* povo, ela tem que, antes, ter dentro dela também como instituição.

*“Enviai-nos, Senhor, o Vosso Espírito,
e guiai a Vossa Igreja,
para que ela, pela conversão,
se faça sempre mais solidária às dores e enfermidades do seu povo
e que a saúde se difunda sobre ela mesma”.*

Endereço da Autora:

Rua Osvaldo Aranha, 199. Apt 302
Bairro Nossa senhora de Lourdes
CEP: 97 050-540 Santa Maria, RS
E-mail: arlened@uol.com.br